

APRESENTAÇÃO

Escrevemos a apresentação deste número 64 da *Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política* num dia muito especial: ontem à noite (30 de outubro) o neofascismo que nos governava foi afinal derrotado, numa eleição absolutamente polarizada e pejada de crimes, eleitorais e não eleitorais, cometidos pelo bando da extrema direita, usando a máquina pública como nunca se viu nem jamais se concebeu, em verdadeiro vale-tudo. O episódio grotesco da Polícia Rodoviária Federal fechando rodovias e obstruindo a votação em Lula diz tudo.

As dificuldades que enfrentará o novo governo serão imensas, sabemos todos, mas era preciso, antes de mais nada, varrer a ameaça de mais quatro anos de Bolsonaro no comando da máquina do Estado. Respiramos aliviados. Resta saber se o ultraliberalismo que também marcou esse governo será igualmente defenestrado ou se algumas das forças que se reuniram na “Frente Ampla” para garantir a vitória do ex-presidente Lula serão fortes o suficiente para sustentá-lo, ainda que de forma matizada.

E qual o papel dos partidos de esquerda e dos movimentos sociais nesta conjuntura? Eis a questão que ocupa Thiago Fernandes Mandarino, em seu artigo sobre alienação, ideologia e consciência de classe. Mesmo escrevendo no contexto pré-eleitoral, as questões discutidas pelo autor persistem, pois, se a derrota de Bolsonaro já está consagrada, o bolsonarismo veio para ficar, e veio forte, assim como as forças de extrema direita em todo o mundo (o que não está desligado do cenário de crise aprofundada que o capitalismo vive pelo menos desde 2008, antes o contrário).

Ainda sobre as agruras enfrentadas por nosso país nos últimos anos, Luciano Alencar Barros investiga aquilo que chama de “a década mais que perdida”, qual seja, a segunda década do presente século. Examina assim, do ponto de vista da Economia Política, os dois mandatos da presidenta Dilma — o último concluído, como se há de lamentar, por Michel Temer — e o início do governo Bolsonaro. Sua intenção é demonstrar como tal *approach*, centrado na dinâmica do conflito distributivo e em sua inter-relação com as decisões de política macroeconômica, contribui para a compreensão dos determinantes políticos do atual quadro econômico, de baixo crescimento, retrocesso nos indicadores de desigualdade e pobreza e volta do país ao mapa da fome.

Tendo em vista que as dificuldades hoje enfrentadas pelo Brasil não se resumem apenas a fatores internos, dissociadas que não podem ser de um cenário mais amplo a envolver o papel atualmente designado a uma economia periférica como a brasileira no processo global de acumulação, Leda Paulani revisita a fecunda tradição da teoria da dependência. Seu objetivo é mostrar que convém hoje considerar um novo tipo de dependência, que vai além das relações de troca, adentrando o pagamento de rendas, o qual é fomentado, por um lado, pela difusão e aceitação de um modelo de crescimento baseado na poupança externa e, por outro, pelos determinantes do que se conhece como *indústria 4.0* e sua relação com as mercadorias-conhecimento. Na análise são resgatados alguns conceitos desenvolvidos por Marx na seção VI do Livro III de *O Capital*, como a renda absoluta e a renda de monopólio.

Em tema correlato, Pollyanna Moura vai analisar o significado e as implicações, para as economias periféricas, da adoção do Trips (*Agreement on Trade Related Aspects of Intellectual Property Rights*), criado em 1994, quando do nascimento da Organização Mundial do Comércio (OMC). A autora revisita o processo de constituição do referido acordo de uma perspectiva histórica para concluir que o arcabouço internacional relativo à propriedade intelectual cumpre, na periferia, a função de resguardar posições de

monopólio no mercado local, como meio de transferir fundos e facilitar práticas restritivas.

O caráter sistêmico e mundializado do atual modo de vida, evidenciado por análises como as de Paulani e Moura, exige uma incessante investigação de seus fundamentos. Neste número da Revista da SEP, os artigos de Paulo Henrique Furtado de Araújo e de Sávio Freitas Paulo dão conta do recado. O primeiro retoma a questão das determinações da forma mercadoria, para, com a ajuda de contribuições de Postone e Lukács, apontar o caráter estruturante de sua natureza contraditória. O segundo adentra o plano da metateoria a fim de discutir as esferas de validade do procedimento dialético marxiano.

Na mesma linha de investigação dos fundamentos da sociedade capitalista trazemos também, no presente número, a resenha elaborada por Adalmir Marquetti do mais recente livro de Deepankar Basu, lançado pela Cambridge University Press em 2021. Como anota Marquetti, em *The Logic of Capital: An Introduction to Marxist Economic Theory*, Basu aborda os principais conceitos desenvolvidos por Marx em *O Capital*, mas tendo em mente o debate das últimas décadas. Em tal medida, trata tanto de questões teóricas, como o problema da transformação e a teoria da renda, quanto de questões presentes no debate contemporâneo, como aquelas referentes a gênero e meio ambiente.

Por fim, não poderíamos deixar de prestar nossa homenagem ao importante e conhecido economista marxista francês François Chesnais, que nos deixou em 28 de outubro, infelizmente. Um documento especial, prestando nosso tributo ao trabalho desse grande intelectual, fecha esta edição.

O Sindicato Nacional dos Funcionários do Banco Central (Sinal) e o Conselho Regional de Economia do Rio de Janeiro (Corecon-RJ) forneceram o decisivo apoio material para que esta publicação pudesse vir a público. Ficam aqui nossos sinceros agradecimentos.

Boa leitura!

Comitê Editorial